

UMA BREVE CONSIDERAÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO ORAL PRETÔNICO E POSTÔNICO FINAL EM CANÇÕES NORDESTINAS

A BRIEF ANALYSIS OF THE FINAL PRE-TONIC AND POST-TONIC ORAL VOCALIC SYSTEM IN NORTHEASTERN SONGS

André Luis Ferreira Gomes* (UFF)

RESUMO: A língua é heterogênea, isto é, cada comunidade de fala possui um comportamento lingüístico específico. Isso faz com que ela possua variantes lingüísticas e expresse, por meio da fala, idiossincrasias dos falantes pertinentes para um estudo descritivo da língua. Essas variantes, que podem ser de sexo (masculino ou feminino), etárias, formais e informais, geográficas, são ocasionadas à vezes por algumas variações entre os segmentos vocálicos. Assim, o objetivo da pesquisa é fazer breves considerações do sistema vocálico oral pretônico e postônico final em canções nordestinas. Buscando, por meio destas, constatar nos segmentos vocálicos os fenômenos de neutralização, de alçamento por harmonização e por debordamento.

PALAVRAS-CHAVE: Oposição. Neutralização. Harmonização. Variação. Vogais.

ABSTRACT: Language is heterogeneous, it means, each community has a specific linguistic behavior. This fact implies linguistic variations and discourse changes, so that speakers' idiosyncrasies are pertinent to a descriptive study of language. These variants, which may include gender (male or female), age, formality and informality, geographic factors, are frequently expressed by some prosodic variation regarding the the vocalic segments. The objective of this research is to offer some considerations about the oral unstressed vowel system of Northeast portuguese in Brasil, including the phenomena of vowel neutralization and harmonization.

KEYWORDS: Oposition. Neutralization. Harmonization, Variation. Vowels.

* Mestrando em Letras, subárea Língua Portuguesa, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de educação básica do estado do Rio de Janeiro. E-mail: andrefgomes75@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a ocorrência específica de algumas vogais pretônicas e algumas vogais postônicas final e medial acarreta marca de variação dialetal no português brasileiro, tornando-se imprescindível uma ampla descrição das diferentes variantes desse idioma.

Com base na teoria fonológica estruturalista, em que vige o Princípio da Oposição (pertinente e impertinente) e dos traços distintivos, esta pesquisa tem o objetivo de fazer breves considerações do sistema vocálico oral pretônico e postônico final em canções nordestinas., buscando, por meio destas, constatar as variações entre os segmentos vocálicos que ocasionam os fenômenos de neutralização, de alçamento por harmonização e por debordamento.

Antes da análise do *corpus*¹, conceituou-se alguns princípios básicos de oposição, de distinção fonêmica, de oposição impertinente e pertinente, de traço distintivo e, também, de supressão da oposição que há entre os fonemas, resultando em neutralização, em alçamento por harmonização vocálica e por debordamento.

A fim de se ter um panorama das vogais da língua portuguesa, este trabalho também contém os quadros das vogais tônicas, pretônicas e postônicas.

1 TEORIA FONOLÓGICA ESTRUTURALISTA

1.1 OPOSIÇÃO

Oposição é o conceito segundo o qual um elemento não existe senão pela oposição a outro elemento, ou seja, só existe linguisticamente um elemento, porque existe outro elemento com que ele entra em oposição. Esse conceito tornou-se base dos estudos estruturalistas, pois a “propriedade que tem os fatos de uma língua de se concatenarem por meio de correlações e oposições, constituindo em nosso espírito uma rede de associações ou estrutura” (CAMARA JR., 1973). Essas correlações e oposições tornam a língua um sistema. Portanto em português só temos a vogal /ɛ/ (de timbre aberto) por causa da oposição com a vogal /e/ (de timbre fechado).

Há oposições fonológicas que resultam em distinção de duas palavras, por exemplo, a oposição entre /a/ e /ɛ/ nas palavras *mala* e *mela*. Esta oposição é denominada, nos

¹ Este *corpus*, que se encontra em anexo na monografia acadêmica do autor do Curso de Especialização em Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, compõe-se aproximadamente de 300 palavras retiradas de canções de diferentes cantores e grupos nordestinos.

estudos de Trubetzkoy e estudiosos do Círculo Linguístico de Praga, de oposição fonológica distintiva.

1.2 OPOSIÇÃO PERTINENTE E IMPERTINENTE

Vimos, no ponto 1.1, que a oposição entre /a/ e /ɛ/ em português formou um par de palavras (mala e mela), sendo por isso uma oposição pertinente. Todavia, a oposição entre a vogal média /o/ (timbre fechado) e /ɔ/ (timbre aberto) na palavra *coração* é impertinente, pois não se encontra na língua portuguesa um par de palavras que se distingam apenas por essa troca.

É importante salientar que a distinção de duas sequências fônicas por apenas um fonema é denominada de par mínimo: *bato*, *pato*, *mate*, *mato*.

1.3 TRAÇO DISTINTIVO

O processo para chegar aos pares mínimos chama-se comutação. Isto é, faz-se uma mudança fonética de uma forma significativa para identificar se com isso se obtém outra forma significativa. Por exemplo, “se compararmos *bato* com *mato*, conseguimos isolar duas dessas unidades: /b/ e /m/; ao comparar *mato* com *magô*, isolamos mais duas, /t/ e /g/; depois, comparando *bato* com *bate*, chegamos às unidades /o/ e /e/, e assim por diante” (CAVALIERE, 2005).

Mas para que a definição de comutação? Porque desse processo, além de se formar par mínimo, pode-se depreender esses fonemas que serviram de distinção significativa. Por meio dessa análise particularizada, pode-se perceber que cada um desses fonemas é dotado de traços articulatórios determinados: no caso do /b/ temos fechamento dos lábios, oclusão da cavidade bucal e vibração das cordas vocais, já no caso do /p/, fechamento dos lábios, oclusão da cavidade bucal e não-vibração das cordas vocais. Percebe-se que esses dois fonemas só se distinguem pelo papel das cordas vocais. A esse traço articulatório determinado, dá-se o nome de traço distintivo, “pois por meio delas (articulações) se distingue dos demais fonemas da língua, como evidencia a comutação” (CAMARA JR., 1973).

Esses traços distintivos são suscetíveis de alteração devido a certas circunstâncias da enunciação. Por exemplo, o /t/ é dental, ou alveolar com a ponta da língua tocando os alvéolos; entretanto o mesmo fonema em contato com o /i/ tônico em hiato é pronunciado com uma articulação africada. Cria-se dentro do conceito de fonema uma variante ou um alofone.

1.4 NEUTRALIZAÇÃO

“Entende-se por neutralização, um conceito da fonologia de praga, a perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica” (BISOL, 2005). Vimos que um fonema só é entendido como entidade autônoma significativa porque se distingue de outro fonema dentro do mesmo sistema fonológico, por isso que /b/ só pode ser sonoro, porque se opõe ao correspondente surdo /p/. Exemplificaremos com um trecho da obra de Mattoso (1973):

A neutralização é o resultado extremo da variação posicional, como em português a da distinção entre /s/: /z/ : /s'/ : /z'/ em posição final diante de pausa (ex.: pus, luz, flux têm uma mesma consoante final, que na pronúncia mais geral luso-brasileira é um [s'] atenuado em seu chiamento).

No caso do exemplo da citação acima, utiliza-se o símbolo representativo de um arquifonema sibilante /S/ para se referir ao conjunto de todas as possibilidades de pronúncia decorrentes da neutralização fonêmica entre /s/: /z/ : /s'/ : /z'/.

1.5 HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA

A harmonização vocálica é um processo fonológico tradicional no português, em que uma vogal pretônica média muda o timbre para se harmonizar com o da vogal tônica do vocábulo. É um fenômeno similar à neutralização, já que os traços distintivos entre dois ou mais fonemas se anulam, como exemplo nas palavras *vestido*, *pedido* e *comprido*, em que se pronuncia *vistidu*, *pididu* e *cumprido*.

Mas a de se distinguir a neutralização da harmonização vocálica, pois “a harmonização pode ser evitada para clareza comunicativa: a pronúncia de *comprido* com /õ/ pretônico impõe-se quando o falante quer distinguir o adjetivo do particípio verbal *cumprido*” (CAMARA JR., 1970 apud: CAVALIERE, 2005). Ela, também, é menos sistêmica do que a neutralização, isto é, o /e/ e /i/ átonos finais se neutralizam, pois sempre que se tem /e/ pode ocorrer /i/ e vice e versa; da mesma forma, sempre que se tem /o/ átono final pode ocorrer sua neutralização com o /u/ independente da vizinhança fonêmica. Já na harmonização, o fenômeno só ocorre se a vogal tônica da palavra for alta, sendo um fato decorrente de outro.

É importante ressaltar que em certas palavras derivadas por sufixação é comum a harmonização não acontecer, por exemplo, no diminutivo *rodinho* não se pronuncia *rudinho*. A explicação está na “memória morfológica” (CAVALIERE, 2005), pois o falante parece preservar a vogal tônica da palavra primitiva correspondente — *rodo*.

1.6 DEBORDAMENTO

Ocorre o fenômeno de alçamento por debordamento, quando em hiatos — como os de coar, passear, voar, atear — a vogal média pretônica não se diferencia da alta correspondente. Diz-se que o /a/ tônico faz com que o /i/ e /u/ altos pretônicos debordem as médias correspondentes.

Como não há efetiva mudança de traço distintivo entre as vogais médias e altas, mas somente a possibilidade de essas ocuparem o espaço original daquelas, este fenômeno também se distingue da neutralização.

Em ecoar, a média pretônica /o/ e a alta /u/ concorrem na boca do falante brasileiro, razão por que se ouvem as pronúncias *ecoar* e *ecuar*. O mesmo se pode dizer de semear [e] ou [i], destoar [o] ou [u] [...] No entanto, observamos que em palavras como atuar, recuar, aliar, enfiar etc., o hiato não pode ser pronunciado senão com a vogal alta, já que aqui a pronúncia da média levaria às palavras atoar, alear, enfear, com efetiva criação de par mínimo. (CAVALIERE, 2005)

Pelo exemplo utilizado na citação acima mostra, pode-se afirmar que nestes casos de debordamento ocorra uma neutralização, pois quando há hiato de vogal média mais vogal baixa, a alta correspondente pode substituir a média. Entretanto, quando há hiato de vogal alta mais vogal baixa, a média correspondente não pode substituir a alta; pois forma um par mínimo.

1.6 AS VOGAIS

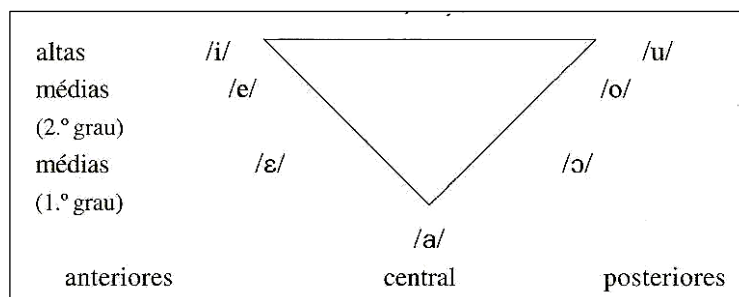
Do ponto de vista articulatorio, as vogais são definidas como sons produzidos pela vibração das cordas vocais e modificados pela modalidade de abertura da cavidade bucal. É um fonema em cuja produção a corrente de ar passa livremente na cavidade bucal. Essa cavidade bucal atua como caixa de ressonância.

É o grau de abertura da cavidade bucal que varia constituindo os traços distintivos das vogais: a) o movimento da língua em direção horizontal (avanço e recuo) ou em direção vertical (elevação ou abaixamento); b) o desenho dos lábios que podem ser arredondado ou não-arredondado.

Outra característica fundamental da vogal no português é ser um fonema que se situa no centro de sílaba.

“Uma das conquistas mais flagrantes que nos legaram os estudos fonêmicos de Mattoso Camara diz respeito à descrição das vogais segundo sua posição em sílabas tônicas, átonas pretônicas e átonas postônicas” (CAVALIERE, 2005).

Na língua portuguesa, há sete vogais, como fonemas, em sílabas tônicas:

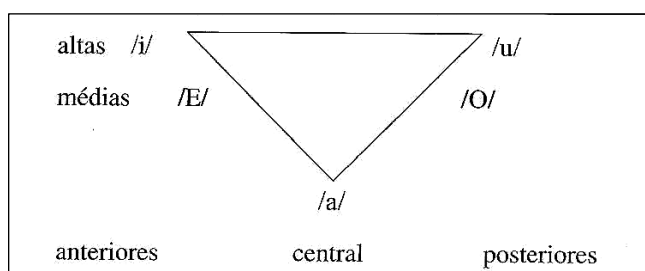


Quadro 1: **Vogais tônicas orais.**

Para efeito de classificação, reduz-se a dois traços articulatórios: o da zona de articulação: anteriores, central e posteriores; e o da altura da língua: baixa, médias de 1.º grau e médias de 2.º grau e altas. Consideram-se abertas a baixa e as médias de 1.º grau e fechadas as médias de 2.º grau e as altas, pois a elevação da língua diminui a cavidade bucal.

1.7 VOGAIS PRETÔNICAS

As vogais pretônicas são as vogais que se encontram antes da vogal tônica. As vogais [i, e, o, u] nesta posição geralmente são pronunciadas em qualquer variante do português brasileiro de maneira idêntica. Entretanto, devido ao fenômeno de neutralização, as vogais pretônicas orais médias perdem distinção entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/, podendo-se utilizar neste caso os arquifonemas vocálicos /E/ e /O/. A variação entre esses segmentos vocálicos marca, sobretudo, variação dialetal. Como mostra o quadro abaixo:



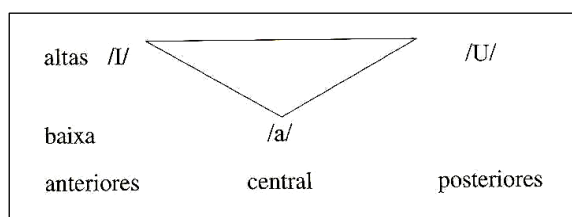
Quadro 2: **Vogais pretônica orais.**

1.8 VOGAIS POSTÔNICAS

As vogais postônicas do português distinguem-se em postônicas internas e postônicas finais. Essa distinção é importante ser ressaltada, “já que os fatos fonológicos que se manifestam não são os mesmos em ambas as situações” (CAVALIERE, 2005).

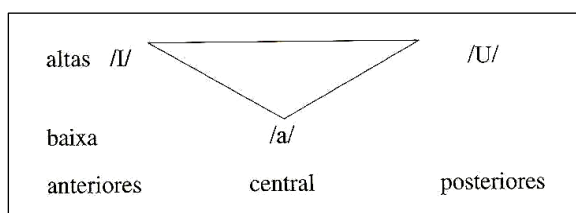
As postônicas orais internas são as que se encontram após a sílaba tônica e não no final das palavras. Elas ocorrem obrigatoriamente em palavras proparoxítonas.

Os fatos mais importantes dessas vogais são: as vogais altas se manifestam pelos alofones [ɪ] e [ʊ]; a vogal baixa na pronúncia brasileira manifesta-se pelo alofone [a]; as vogais médias de 2.º grau (/e/ e /o/) entram em neutralização com as altas /i/ e /u/; e não há registro no português do Brasil de vogais médias de 1.º grau (/ɛ/ e /ɔ/) nesta posição. Desta forma temos o seguinte quadro:



Quadro 3: **Vogais postônicas orais internas.**

Já as vogais postônicas orais finais apresentam os seguintes fatos importantes: as letras *e* e *i* representam uma única vogal anterior alta, que se manifesta pelo alofone [ɪ]; as letras *u* e *o* representam graficamente uma vogal posterior alta, manifestada pelo alofone [ʊ]; a postônica final baixa manifesta-se pelo alofone [a] e as médias de 1.º grau (/ɛ/ e /ɔ/) nunca aparecem entre as postônicas finais, à exceção de alguns eruditismos, como em *sóror*. Temos então o seguinte quadro:



Quadro 4: **Vogais postônicas orais finais.**

2 DESCRIÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO ORAL PRETÔNICO E POSTÔNICO FINAL EM CANÇÕES NORDESTINAS

Para as breves considerações do sistema vocálico oral pretônico e postônico final da variante nordestino, foram feitas análises em canções dos seguintes grupos e cantores:

- Saia Rodada, Aviões do Forró (Rio Grande do Norte)
- Rabo de Saia, Fagner, Falcão (Ceará)

- Arriba Saia, Claudia Leite, Aviões do Forró (Bahia)
- Calcinha Preta (Sergipe)
- Alceu Valença, Chico Science, Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, Dominginhos (Pernambuco)

Nas músicas analisadas, não foram encontradas palavras proparoxítonas, nas quais contivessem vogais postônicas mediais. Por isso não foram feitas considerações sobre elas.

2.1 VOGAIS ORAIS PRETÔNICAS

2.1.1 NEUTRALIZAÇÃO VOCÁLICA EM CANÇÕES NORDESTINAS

Após a análise das canções nordestinas, percebeu-se que ocorre neutralização das vogais médias anteriores [e] e [ɛ] e, também, das vogais médias posteriores [o] e [ɔ] em posição pretônica. Há um predomínio, nesta posição, do emprego das vogais médias de 1.º grau, já que este fenômeno caracteriza o dialeto nordestino, como se pode ver nos exemplos a seguir: arrependida – [ahɛpẽˈdida]; delícia [dɛˈlisyɐ]; federal – [fɛdɛˈraw]; coleção – [kɔlɛˈsãw]; coração – [kɔraˈsãw]; moçada – [mɔˈsada].

Também foi identificado que as vogais média anterior de 2.º grau [e] e alta anterior [i] perdem o traço distintivo, em algumas palavras, devido ao mesmo fenômeno, por exemplo: exala – [iˈzala]; examina – [izaˈmina]; futebol – [futiˈbow]; pequena – [piˈkɛna]. Da mesma forma, as vogais média posterior de 2.º grau [o] e alta posterior [u] perdem o traço distintivo: Bocado – [buˈkadu]; Boneca – [buˈnɛka]; Começa – [kuˈmɛsa]; Doente – [duˈɛti]; Moderno – [muˈdɛnu]; Podendo – [puˈdɛnu]; Poeta – [puˈɛta]; Trovão – [truˈvãw].

A pronúncia das palavras “bocado”, “boneca”, “começa”, “doente” e “gasolina”, nas canções analisadas, parece ser comum em outras regiões, como por exemplo, no Rio de Janeiro. Mas a pronúncia das palavras “moderno”, “podendo”, “poeta” e “trovão” não é comum no dialeto carioca, dando a entender que seja uma característica dessa região.

2.1.2 HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA EM CANÇÕES NORDESTINAS

Identificou-se, também, pois é um fenômeno comum da língua portuguesa, que as vogais pretônicas médias [ɛ], [e], [ɔ] e [o] mudam o timbre para se harmonizarem com o da vogal alta tônica do vocábulo, como podemos ver nestas palavras retiradas de algumas

canções nordestinas analisadas: alegria – [ali`gria]; cabeludo – [kabi`ludo]; pedi – [pi`di]; segunda – [si`gũda]; Severina – [sivi`rina]; retirou – [ahitirow]; domingo – [du`mĩgu]; motivação – [mutiva`sãw].

A pronúncia das palavras “alegria”, “cabeludo”, “pedi”, “segunda”, “Severina” e “domingo” também é comum na região do Rio de Janeiro; entretanto, parece que a pronúncia das palavras “retirou” e “motivação” é uma característica peculiar dessa região.

Verificou-se que há comumente a ausência do fenômeno da harmonização vocálica nas palavras derivadas por sufixação: redinha – [heḏĩna], devido à memória morfológica — como já vimos.

2.1.3 DEBORDAMENTO EM CANÇÕES NORDESTINAS

Verificou-se, também, nos segmentos vocálicos analisados das canções nordestinas, o fenômeno do debordamento, pois a vogal média pretônica não se diferencia da alta correspondente, quando em hiato com a vogal baixa [a]: carteadado – [kahti`adu]; pessoal – [pesu`aw]; revoada – [hevu`ada]; voar – [vu`ah].

2. 2 VOGAIS ORAIS POSTÔNICAS FINAIS EM CANÇÕES NORDESTINAS

Nesta posição, como é comum em todas as regiões do Brasil, não apareceu as médias de 1.º grau (/ɛ/ e /ɔ/). Há, também, uma generalização do emprego das vogais altas (/i/ e /u/) em posição postônica final que podem ser representadas pelos alofones [ɪ] e [ʊ], como é percebido nas seguintes palavras analisadas das canções nordestinas: desculpe – [dis`kupi]; esquece – [is`kesɪ]; garante – [ga`rãti]; somente – [so`mẽtʃɪ]; fecho – [`fɛʃʊ]; ido – [`idu]; moendo – [mo`ẽdu].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora muitos intérpretes possam ter mudado suas pronúncias naturais por estarem num estúdio e estarem sendo observados por seus produtores, os quais geralmente requerem uma pronúncia nítida da letra da música. Essa breve pesquisa conseguiu identificar que o emprego de algumas vogais em posição pretônica e postônica final em canções nordestinas é análogo ao falar do Rio de Janeiro, isto é, os fenômenos de

neutralização, de alçamento por harmonização vocálica e por debordamento que ocorrem com as vogais nessas posições são similares a variante carioca. Todavia, algumas pronúncias nas canções nordestinas analisadas são anômalas ao falar carioca. Sobretudo, o predomínio do emprego das vogais médias de 1.º grau, as quais caracterizam essa variante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BISOL, Leda; MAGALHÃES, José Sueli de. A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. *Revista da Abralin*, v. III, p. 195-216, 2004.

_____. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: Edipuc-RS, 2005.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yone. *Iniciação à fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. *Dicionário de filologia e gramática*. 5. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, s.d.

_____. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Organização de Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Nova ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 7. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro : Padrão, 1989.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais em fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2000.

COSERIU, Eugenio. *Lições de lingüística geral*. Tradução Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1980.

DUBOIS, Jean *et all.* *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 2007.

FREITAS, Horácio Rolim de. Contribuição de Mattoso Câmara aos estudos de Fonologia Portuguesa. *Confluências*, N° 27 e 28 – 1º e 2º semestres de 2004. Rio de Janeiro:, 2004.

HORA, Dermeval da. (org.). *Projeto variação lingüística no estado da Paraíba*. (VALPB). João Pessoa: Idéia, 2001.

_____. (org.). *Estudos sociolingüísticos: perfil de uma Comunidade*. João Pessoa: 2004.

LEE, Seung-Hwa. Sobre as Vogais Pretônicas no Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), Araraquara, v. 1, n. 35, p. 166-175, 2006.

MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva*. 5. edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 10. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 46. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SIMÕES, Darcila. *Fonologia em nova chave*. Rio de Janeiro: HP Comunicações, 2003.

TARALO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

Recebido em 23 de março de 2010.

Aceito em 20 de junho de 2010.